

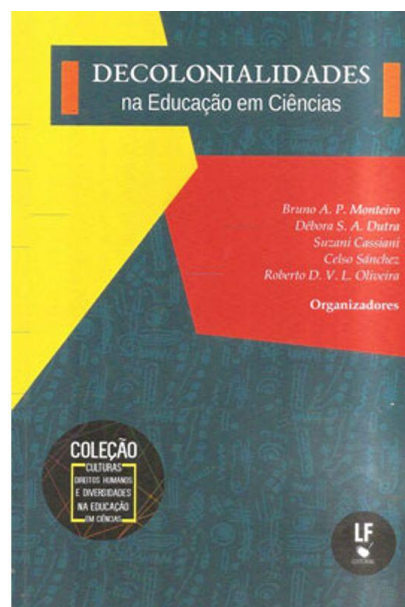
**RECENSÃO CRÍTICA DE “DECOLONIALIDADES NA EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS”, 2019  
DE MONTEIRO, B.; DUTRA, D.; CASSIANI, S.; SÁNCHEZ E OLIVEIRA, R. D.**

CRITICAL REVIEW OF “DECOLONIALIDADES NA EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS”, 2019 BY MONTEIRO,  
B.; DUTRA, D.; CASSIANI, S.; SÁNCHEZ E OLIVEIRA, R. D.

RESEÑA CRÍTICA DE “DECOLONIALIDADES NA EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS”, 2019 DE MONTEIRO,  
B.; DUTRA, D.; CASSIANI, S.; SÁNCHEZ E OLIVEIRA, R. D.

**Sandra Escovedo Selles**

Universidade Federal Fluminense, Brasil  
escovedoselles@gmail.com



**Figura 1** Capa do livro

A obra *Decolonialidades na Educação em Ciências*, organizada por Bruno Monteiro, Débora Dutra, Suzani Cassiani, Celso Sánchez e Roberto Dalmo de Oliveira, parte de uma indagação imprescindível em nosso tempo: como a educação em ciências pode se comprometer com um projeto acadêmico que enfrente injustiças, apagamentos e distanciamentos do *outro*, este que é frequentemente invisibilizado em suas práticas? Partindo de perspectivas teóricas decoloniais, os 45 autores e autoras desta coletânea encontram modos de dialogar com produções de outras áreas do conhecimento para debater esta questão. Assim, seus 19 capítulos passam a focalizar os problemas relacionados à persistência das configurações racistas, aos

preconceitos de toda ordem – de gênero, de sexualidade, de região, de classe, etc. –, às disparidades de conteúdos e modos de ensinar que ignoram os pertencimentos culturais, sociais, econômicos e históricos do alunado que comparece à escola. Pretende-se confrontar esses problemas com análises que recuperem a dimensão silenciada dos direitos desses sujeitos, apostando em outras possibilidades que a educação em ciências lhes tem a oferecer.

Com efeito, a obra trata de um conjunto de reflexões que enuncia esses problemas para a comunidade de educadores e educadoras em ciências, de modo a provocar um engajamento político em seus estudos e a problematizar possibilidades de investigação e de práticas, para que o compromisso de não reproduzir o colonialismo e seus efeitos de colonialidade possa ser assumido, conquanto não sejam mobilizados, necessariamente, os mesmos referenciais teóricos. Isto porque o discurso pedagógico que resulta de muitas pesquisas, ainda que não seja necessariamente classista, preconceituoso, racista ou homofóbico, pode incorrer em normatizações sobre as práticas dos docentes ou dos discentes que explicitam um traço colonizador, ou mesmo distraído do entrelaçamento entre colonialismo, patriarcado e capitalismo. Em outras palavras, a pesquisa também *manda* (Selles, 2015).

Buscando mirar o *Sul*, inverso à direção naturalizada que tem *norteado* por décadas as pesquisas na área da educação em ciências no Brasil, a obra abre caminhos para revisitar alguns dos mesmos problemas já endereçados pela literatura em educação em ciências e, a partir de outras configurações teóricas, tecer ponderações que possam enriquecer o seu entendimento. Não se trata de “inventar” novos problemas de pesquisa, mas sim de usar lentes que os possam compreender por dimensões ainda não examinadas e assim anunciar possibilidades mais profícuas e mais comprometidas politicamente para investigar e intervir no universo escolar. Não somente os textos, mas também as expressivas ilustrações que abrem as apresentações dos capítulos da coletânea afirmam que a educação de ciências é um empreendimento político para transformar o mundo, não apenas para explicar se e como os estudantes aprendem ou porque não aprendem ciências. Se o trabalho acadêmico é sempre apoiado em escolhas, estas falam pouco se excluem as redes de dominação que têm supervalorizado os objetos em detrimento dos sujeitos. No momento político atual da humanidade, e em particular do Brasil, o avanço do neoliberalismo e das direitas conservadoras explicitou que a luta contra o capitalismo se agrega à necropolítica<sup>1</sup>, ao negacionismo científico e às notícias falsas, e isso se dá às custas do preconceito e da opressão dos grupos historicamente excluídos, pois é sobre esses grupos que políticas e práticas sociais incidem. A educação em ciências em um país desigual, que carrega o passado escravocrata, não pode se definir como uma área que secundarize tal quadro. Este é o argumento que sustenta cada página desta obra.

A obra é escrita a muitas mãos: mãos argentinas, brasileiras, chilenas, colombianas, espanholas e moçambicanas que se dedicam a examinar as questões que atormentam os sonhos de um mundo igualitário, justo e ambientalmente afeiçoado aos seus construtores cotidianos, uma vez que focaliza os oprimidos pelo capitalismo e pelas combinações que este produz com a colonização. Reunindo exames de temáticas como feminismo, química e os saberes populares, educação ambiental e saúde, práxis decoloniais afro-indo-americana, raça e racismo, educação

---

<sup>1</sup> Referência ao livro homônimo *Necropolítica*, traduzido de *On the postcolony* de autoria de Achille Mbembe, filósofo camaronês que, tomando como referência o biopoder formulado por Foucault, debate sobre o uso do poder social e político para definir como certas pessoas podem viver e como outras devem morrer.

em Timor-Leste, os escritos se debruçam em “novos territórios epistêmicos” para interpelar a educação em ciências, provocando-a a tecer outras análises possíveis. Essas 45 mãos escrevem acompanhadas por referentes que já sistematizaram modos de entendimento dessas questões – Paulo Freire, Maria Paula Meneses, Aníbal Quijano, Boaventura de Sousa Santos – e assim, vindos de outras áreas do conhecimento, frutificam análises robustas para a educação em ciências, falando com os desalojados das ruas, das escolas e dos que desfilam nas redes sociais. Há uma intenção expressa e uma opção epistêmica de ouvir essas vozes, suas narrativas e os sentidos do mundo que constroem para viver e sobreviver. São um encontro com *a vida que ninguém vê*, como narra Eliane Brum<sup>2</sup>, dos que também assistem aulas de ciências.

Os estudos decoloniais na Educação em Ciências vêm para ficar. Não são um modismo que pretende camuflar os objetos das pesquisas de seus pertencimentos históricos ou desprezar a procedência dos acordos duvidosos que o empreendimento científico vem compondo com as determinações capitalistas. Sua proposta vai muito além do que alimentar temas de pesquisa acadêmica, mas sim de conceber pesquisas engajadas, de nutrir práticas educativas em ambientes ásperos, em não desistir de repavimentar os caminhos investigativos com olhares e prudências acerca do papel do outro. De buscar outros sentidos para o ensinar e o aprender ciências que não normatize ou se dirija autoritariamente dizendo como os alunos e os docentes devem fazer. Portanto, a obra se dispõe a contribuir para que a educação em ciências, por sua vez, não reproduza também as abordagens colonizadoras. Esta obra já faz diferença ao se colocar na prateleira dos estudos indispensáveis para as pesquisas em educação em ciências.

## REFERÊNCIAS

Brum, E. (2016). *A vida que ninguém vê*. Arquipelago Editorial Ltda.

Mbembe, A. (2020). *Necropolítica*. Melusina.

Selles, S. E. Quando as políticas curriculares e a pesquisa educacional mandam: reflexões sobre a colonização do trabalho docente.

More information available at: <https://apastyle.apa.org/style-grammar-guidelines/references/examples>

---

<sup>2</sup> Brum, Eliane. *A vida que ninguém vê*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006, obra premiada com o Prêmio Jabuti em 2007. Nesta obra, a autora reúne crônicas de sua atividade jornalística no “Zero Hora”, em Porto Alegre, quando sai em busca de acontecimentos e de pessoas que, no seu anonimato e nas dores vividas, não aparecem no noticiário cotidiano.